

AOS MILITANTES DO PT: DAP FAZ PRIMEIRO BALANÇO DAS ELEIÇÕES

O Diálogo e Ação Petista–DAP é um agrupamento de militantes do Partido dos Trabalhadores, que se constrói como um agrupamento que participa de atividades sócio-políticas, internamente ao PT e diretamente na luta de massas, combatendo sob o lema “agir como o PT agia”, ou seja numa luta referências programáticas e práticas políticas históricas do partido, as quais o consolidaram enquanto instrumento de luta da classe trabalhadora brasileira, rumo a sua emancipação.

Vivemos um momento difícil do Partido, ainda sob o os ataques organizados por amplos setores da burguesia e do imperialismo, a partir das instituições constituídas. Esses ataques engendrados ao arrepio da própria lei, estabeleceram perdas extremamente graves de direitos legítimos, tendo como ápice o golpe contra presidenta eleita Dilma Roussef, seguida da prisão, com base em lawfare, do principal dirigente do partido e do movimento operário e popular brasileiro, Luis Inácio Lula da Silva.

O balanço destas eleições deve ser desenvolvido tendo em conta este cenário de guerra contínua contra o povo brasileiro, seus direitos e, especificamente, contra o PT, ainda que seja forçoso dizer que numa situação diferente de 2016, o auge dos ataques ao partido e mesmo de 2018, onde este registrou uma certa recuperação eleitoral.

Claro que balanço político poderá ser feito no seu conjunto ao final do 2º turno, uma vez que a eleição ainda terá seu desfecho na maior parte das cidades com mais de 200 mil eleitores, inclusive a maior parte das capitais. Desde já, porém cabe registrar que, ao contrário da narrativa que a grande imprensa tenta emplacar, o PT não foi varrido e nem sofreu uma derrota histórica. Os números mostram que, até aqui, o partido manteve o lugar de partido de trabalhadores mais importante do país, seguindo sendo a agremiação em que a maior parte da classe trabalhadora se reconhece. Contudo, registra-se uma estagnação do PT em termos de voto, com 6,97 milhões de votos contra 6,84 milhões no 1º turno de 2016, um crescimento discreto, mas com um verificado no número de 175 prefeituras, contra 256 em 2016, e também de 2609 vereadores, contra 2808 em 2016. Como dissemos, entretanto, esta avaliação é parcial, visto que elementos novos podem vir de eventuais vitórias nas 15 cidades onde o partido disputa o 2º turno, em especial nas capitais, Vitória e Recife (o PT também disputa como vice em Porto Alegre e Belém).

O que nos parece certo é que pagamos o preço por não termos tirado todas as conclusões inerentes à política de conciliação, com uma consequente política de alianças com partidos fora do campo do movimento operário, democrático, popular e antiimperialista, ao longo de tantos anos. Este ano, tal política acabou se reproduzindo de novo em muitos municípios e parece retornar com força nas alianças de 2º turno. O partido segue devendo um ajuste de contas com esta política, e não é possível entender o resultado destas eleições sem uma devida avaliação desta política de alianças. É dela que procede a atitude contrária aos interesses do partido tomada num grande número de municípios cearenses pelo Governador Camilo Santana, se negando a emprestar seu apoio a candidaturas petistas, como em Fortaleza, ou apoiando candidatos concorrentes dos nossos, como em Caucaia. É preciso enfrentar o problema da posição desenvolvida Governador, com sérios prejuízos para o PT neste período pós-eleitoral, tendo presente que Camilo e suas ações contra o partido não seriam possíveis sem a política conciliatória e as alianças sem critério que a direção majoritária vem há anos

desenvolvendo, inclusive depois do golpe de 2016, desferido com a participação destes “aliados”.

O DAP apresentou por meio de seus candidatos, nestas eleições, uma proposta de 7 medidas de emergência (tabelamento dos preços, para combater a carestia; testagem em massa; prolongamento do auxílio emergencial pelo tempo que durar a pandemia; nenhuma demissão, plano e obras públicas; volta às aulas só com segurança; tributação emergencial das grandes fortunas; devolução dos direitos civis e políticos de Lula). A estas medidas, como fez nossa candidata em Fortaleza, companheira Leda Vasconcelos, agregamos o combate contra a “reforma administrativa” e pelo fim do governo Bolsonaro.

Levantando esta plataforma, apesar de não termos atingido a meta de eleição de nossa representante, Leda Vasconcelos, estamos satisfeitos com os resultados da nossa atuação no processo eleitoral. Conseguimos denunciar, ampliar e aprofundar o debate com segmentos da classe trabalhadora, acerca das barbaridades que encerram a adoção das políticas ultra neoliberais e antinacionais em curso, assim como sobre os resultados aterrorizantes e criminosos encetados pela irresponsável gestão do governo Bolsonaro em face da grave crise sanitária, atingindo a triste marca de 165 mil pessoas mortas. Nesse sentido, a candidatura de Leda, cumpriu a tarefa a que se destinava, abrindo caminho para a ampliação de nosso trabalho político entre os trabalhadores e trabalhadoras, com novos grupos de base do DAP. Além disso, demos nossa contribuição na campanha da companheira Luizianne Lins, candidata própria do PT que teve um desempenho positivo, ao oferecer ao povo da capital uma alternativa ao bolsonarismo (Wagner) e à oligarquia Ferreira Gomes (Sarto).

Agora estamos diante do segundo turno do pleito eleitoral, depois que nosso partido e sua candidata foram bombardeados por abusivos ataques políticos desfechados pelo candidato do PDT, buscando se beneficiar do chamado antipetismo. Sarto vai ao segundo turno na base destes ataques e da negação das medidas necessárias para realmente combater Bolsonaro.

De outro lado, Wagner aparece nas eleições como representante direto de Bolsonaro e da extrema-direita, como demonstra o lugar que ocupou no motim da polícia militar no início do ano e sua plataforma eleitoral onde retoma ponto por ponto as posições de Bolsonaro, embora tente esconder o apoio deste último a sua campanha.

Contudo, se a candidatura de Wagner representa as forças em torno de Bolsonaro, a de Sarto agrega autênticos representantes da elite econômica brasileira, e também inclui partidos da base de apoio de Bolsonaro, PP, PTB, PL, DEM, PSD, CIDADANIA, sem falar no PSDB, de Tasso Jereissati, que não está formalmente na base de Bolsonaro, mas tem votado com ele nas matérias envidadas pelo governo ao Congresso, como no recente exemplo da privatização do saneamento e da água, na qual também o PDT votou.

Diante desse difícil cenário, e tendo presente que a Executiva Municipal do PT de Fortaleza já tomou a decisão de apoiar Sarto, o DAP se sente na obrigação de chamar a atenção dos militantes petistas para estes elementos e de lealmente expor sua posição contrária ao apoio a Sarto, em vista desta alternativa não representar a oposição necessária a Bolsonaro, e ainda menos a luta pelo fim de seu governo o mais rápido

possível. A posição do DAP, extraída de plenária de nossos aderentes realizada na noite de 17 de novembro, é de recomendar no segundo turno o voto 13.

Este documento visa a dialogar com os militantes petistas que enxergam no voto Sarto uma forma real de resistência a Bolsonaro.

A Coordenação do DAP, ouvida a plenária de militantes de 17 de novembro.